Uma figura vestida de negro saltou do segundo andar. Era Su Xi, a atiradora de elite da equipe. Ela se aproximou do confessionário. Su Xi, vinte e um anos, terceiro ano da Academia Kassel, classe A, especializada em genética de dragões. Membro importante da Sociedade do Coração de Leão e a assistente mais confiável de Chu Tzu-hang. — Tzu-hang, está tudo bem? — Ela bateu na porta do confessionário e perguntou. — Tudo bem — respondeu Chu Tzu-hang de dentro. — Está tudo sob controle. — Seu corpo... — A voz de Su Xi transparecia preocupação. — Não se preocupe. Estou perfeitamente bem — ele a interrompeu, evitando alongar o assunto. Su Xi suspirou. Sabia que ele não gostava de falar sobre isso. De repente, a voz do Professor Schneider, do Departamento de Operações, ecoou em seu fone de ouvido. Ela olhou para a tela do comunicador em sua cintura. Dessa vez, o professor usara o canal comum do Grupo C, transmitindo para todos. — Grupo C, evacuem imediatamente a área da igreja e reforcem a vigilância na biblioteca. Repito, Grupo C, evacuem imediatamente a área da igreja — ordenou Schneider pelo rádio. — Entendido! — Todos responderam em uníssono. — Tzu-hang! Evacue a igreja — Su Xi bateu na porta do confessionário novamente. Ela não entendia o motivo da evacuação repentina. A igreja era um ponto estratégico, conectando o Salão das Três Deusas e o campanário onde ficava o Guardião. Deveria ser justamente o local mais protegido. Mas, secretamente, ela agradecia pela oportunidade. Assim, poderia tirar Chu Tzu-hang daquela pequena cabine de madeira, parecida com um orelhão. Ela estava realmente preocupada com ele. Era a pessoa mais próxima dele e já havia presenciado situações assim antes. Se alguém estivesse ali, provavelmente diria que Su Xi estava perdendo tempo, que seu afeto nunca seria correspondido. Afinal, no campo de batalha do amor, não havia regras – só importava quem o coração escolhia. — Não. A ordem de evacuação não se aplica a mim — disse Chu Tzu-hang, baixinho. — Não se aplica? Como assim? — Su Xi ficou paralisada. — O professor Schneider deu a ordem para todos! — Grupo C, evacue imediatamente a área da igreja, exceto Chu Tzu-hang — a voz de Schneider ressoou novamente, como se ele já esperasse por essa exceção. — Apenas para quem não precisa participar do combate na igreja — explicou Chu Tzu-hang. — Su Xi, vá. Ela não podia mais esperar. O restante do Grupo C já estava se retirando. Ao olhar para o confessionário, um frio na espinha a invadiu. — Não se preocupe comigo — a voz de Chu Tzu-hang saiu de dentro da cortina. — Tudo bem — ela respondeu, antes de correr para se juntar aos outros. Na porta da igreja, não resistiu e olhou para trás. No salão silencioso, o pequeno confessionário parecia misterioso e solitário. — Tranquem os portões da igreja — a ordem de Schneider ecoou mais uma vez. Zero estava imóvel ao lado do vitral do Salão Odin. A poucos metros dela, dois alunos do segundo ano seguravam submetralhadoras Uzi, olhos ágeis como os de um falcão, vasculhando a janela em busca de ameaças. Mas não percebiam as doze pessoas que estavam logo atrás. Mesmo que ouvissem as respirações quase imperceptíveis no ar e se virassem, só veriam uma névoa escura e difusa, como se fossem fantasmas. Se o Névoa da Ilusão — o poder que os ocultava — fosse desfeito, a cena seria ridícula: os onze caçadores de recompensas estavam colados em Zero, quase grudados nela, avançando em pequenos passos pelo salão. Zero estava exasperada. Com tanta gente ao redor, sua estatura de um metro e meio mal permitia que ela visse o caminho à frente. Mas não havia tempo para pensar nisso. Ela liderava o grupo, deslizando como uma sombra pelo corredor central em direção ao elevador próximo à estátua de Odin. Todos do Grupo B estavam concentrados no exterior, exceto um homem de terno branco impecável, sentado em um dos bancos de carvalho. Seus cabelos dourados lembravam uma juba, e em sua mão repousava uma adaga negra e dourada. Ao lado dele, duas "Desert Eagles" prateadas reluziam. Eram armas personalizadas, com cabos de ébano entalhado e incrustações de marfim. O brasão de um anjo da morte em prata pura sorria silenciosamente no centro. Zero olhou para César por um instante, sem reação. Ela passou por ele sem fazer barulho, mas, de repente, ele abriu os olhos e ergueu o rosto, sorrindo para a estátua de Odin. Seu sorriso tinha um ar de elegância e frieza ao mesmo tempo. — No dia da nossa formatura, serei o primeiro a subir no palco? — perguntou, casualmente. Zero franziu as sobrancelhas finas, irritada. Não entendia por que ele estava sendo tão dramático. Se já a tinha percebido, por que não agia? Enquanto César continuava sorrindo e encarando a estátua, uma música grandiosa começou a tocar no salão. Não era alta, mas todos a ouviram. Os alunos do Grupo B viraram-se, confusos,

tentando localizar a fonte da melodia. Parecia vir do sistema de som do campus, como se fosse um interlúdio casual. — Ashitaka Sekki, trilha sonora de Princesa Mononoke. Gosto bastante dessa música — comentou César, impassível. A melodia ecoou por alguns segundos até que Zero, irritada, pegou o telefone no bolso. Era o celular de Mai, que ela tinha enfiado lá sem que Zero percebesse. Ela atendeu, e sua voz cortou o ar como gelo. — O que você quer?— Ai, menina, não seja tão fria assim — ecoou uma voz feminina sedutora do outro lado da linha. — Não fiz nada demais, só trouxe um pouco de diversão para sua festinha. Zero não respondeu. Ela simplesmente desligou o telefone. Na entrada da igreja, Ma Yi Jiu De ficou olhando para o celular, ouvindo o sinal de ocupado. Ela era esbelta como um galho de salgueiro, com mais de 1,75 m de altura — daquelas que poderiam desfilar em passarelas. Mesmo sem saltos, sua presença era maior que a de Chu Zi Hang, sentado no confessionário. Seu traje de combate preto, justo como uma segunda pele, destacava cada curva do corpo. Se fosse modelo de uma aula de desenho, tanto professores quanto alunos teriam que tampar o nariz com rolos de papel para não sangrar. Comparada à irmã gêmea, Ya Ji Jiu De, delicada e encantadora, Ma Yi era como uma pincelada de vermelho intenso na tela de um artista. Zero murmurou algo inaudível. [Liberação do "Encanto das Sombras".] Doze figuras alinhadas, vestidas com trajes negros de combate, como ninjas. Cada um carregava uma submetralhadora e uma adaga de lâmina curva na cintura. Com máscaras cobrindo o rosto, só os olhos, afiados como os de um falcão, ficavam expostos. Eram a nata dos guerreiros. Mas suas poses eram ridículas. Por um instante, os alunos do Grupo B ficaram confusos. Onze homens, com peitorais que pareciam querer rasgar o tecido das roupas, musculosos como esculturas gregas, cercavam a única garota do grupo — pequena e esguia. Eles se curvavam, de mãos dadas, girando em volta dela como se dançassem algum ritual de acasalamento tribal, formando uma flor de onze pétalas… A garota se esforçou para sair do meio deles. Mesmo envolta no traje preto, com o rosto coberto, sua silhueta era marcante. Mas a postura dela — mãos coladas às coxas, cabeça levemente abaixada — era de uma aluna comportada, incapaz de despertar qualquer excitação. As onze "pétalas" se dispersaram num instante, entrando em posição de combate. Agachados atrás dos bancos e do púlpito, ergueram as armas. Quase ao mesmo tempo, as tropas principais do Grupo B invadiram a igreja pelos fundos, enquanto rifles negros surgiram nas varandas do andar superior. Uma armadilha fechada. Os sons dos carregadores sendo engatilhados ecoaram em uníssono. Um único aperto de gatilho seria suficiente para uma chuva de balas. Mas então, tanto César quanto a garota ergueram as mãos, interrompendo o avanço. César fez um gesto elegante, cedendo a vez à dama. Zero não suportou seu ar dramático e retrucou gelada: — Vamos acabar logo com isso. Não tenho tempo para joguinhos de "música para e tiros começam". — Música para e tiros começam? — César franziu a testa. Era a primeira vez que a via. Por que ela falava algo tão estranho? — Esquece — ela já estava impaciente. — Não importa. Vamos começar? César não insistiu. Um sorriso confiante brotou em seu rosto. — Como preferir. Mas não acha que seria sem graça começar assim? Como você quer fazer? — E você? — Zero revidou. César se levantou da cadeira de ébano, abotoando o paletó branco. Com as "Desert Eagles" nas mãos, posicionou-se no corredor central. Zero o encarou, afiada como uma lâmina gélida, impossível de ser tocada. Atrás de ambos, mais de dez armas apontavam para o lado oposto, com centenas de balas prontas para serem disparadas. O ar pareceu esfriar de repente. A aura cortante de Zero crescia, expandindo-se como uma tempestade. — Que tal assim? — César estalou os dedos. — Nôma, apague as luzes. [Contagem regressiva de 15 segundos.] A voz suave de Nôma ecoou pelo salão. O lustre de cristal no teto começou a piscar, uma vez por segundo, rítmico. — Desert Eagle padrão. Pente de 7 tiros, calibre .50 AE. Quatorze balas no total. Suficiente. — César falou calmamente, seu sorriso confiante iluminado pelos olhos dourados que brilhavam como os de um rei vitorioso. Ele abriu as pernas, cruzou os braços em forma de X e baixou a cabeça, como em meditação. — Teoricamente, 3,8 tiros por segundo. Em dois segundos, posso esvaziar os carregadores. — Pode tentar — a voz de Zero não revelou emoção. Ela sabia que ele era capaz. Silêncio mortal. Todos os olhos estavam fixos nas luzes piscantes. Sob tamanha tensão, cada segundo parecia uma eternidade. Só César não olhava. Ele permanecia com a cabeça abaixada. Treze batidas cardíacas fortes. Onze alvos marcados — todos, exceto a garota e ele. Cinco segundos.

As luzes se apagaram completamente, mergulhando o salão na escuridão. César levou seu "Encanto dos Gafanhotos" ao limite. Sem mirar, disparou para os lados. As balas .50 AE perfuraram os esconderijos, movidas por energia brutal. Com a vantagem da velocidade e do seu dom, ele atirou novamente antes que seus inimigos reagissem. Quatro alvos, eliminados. Os membros do esquadrão de Zero atiraram às cegas, tentando acertar sua última localização conhecida. César pulou sobre um banco, disparando no ar. As cadeiras onde estivera foram destruídas por uma rajada de metralhadora. Ele saltou de mesa em mesa, cada rajada iluminando seu perfil perfeito, esculpido como uma estátua grega. Em pé, no alto, ele parecia um rei cercado pelas chamas do inferno. Todos os alvos foram eliminados. Os ecos dos tiros ainda ressoavam quando um único aplauso rompeu o silêncio. As luzes acenderam novamente. César estava no mesmo lugar, as Desert Eagles fumegantes apontadas para o chão.Os 11 membros da equipe Zero caíram ao chão em perfeita sincronia, cada um olhando para a flor de sangue que brotava em seu peito. O som das armas caindo ecoou como um único golpe.Zero aplaudiu sem expressão, embora César não conseguisse decifrar emoção alguma em seu rosto.César removeu os carregadores com movimentos precisos, deixando cair as últimas balas restantes — duas na mão esquerda, uma na direita.— Acabou a brincadeira? — Zero falou com voz gelada. — Agora é a minha vez.Seu olhar atravessou duas décadas, retornando às planícies congeladas da Sibéria. Sussurrou palavras que soavam como uma prece:— Nesta jornada, não nos abandonaremos, nem trairemos, até que a morte nos separe.O tempo pareceu congelar. Zero viu o sorriso confiante de César petrificar-se. Então, um garoto emergiu do vazio atrás dela, sussurrando em seu ouvido:— É mesmo. Nesta jornada, não nos abandonaremos, nem trairemos, até que a morte nos separe.Zero virou-se surpresa. O garoto fazia caretas para ela, seus olhos cheios de diversão.— Como eu poderia abandonar minha garota? — Ele pousou a mão em seu ombro, rindo suavemente.[Capítulo 41: Ato 40 - Cortina (Parte 3)]Batidas fortes ecoaram na porta da igreja.— Entre — disse Chu Zihang, erguendo lentamente a cabeça dentro do confessionário.A porta abriu-se e fechou-se. Passos leves e ritmados ressoaram pelo espaço sagrado, até pararem no centro da nave. Chu Zihang saiu do confessionário.Os dois ficaram frente a frente em silêncio. Chu Zihang tinha seus longos cabelos negros soltos, caídos desordenadamente sobre o rosto, escondendo seus traços. Vestia o uniforme da Academia Kassel e segurava com orgulho sua espada "Chuva de Aldeia".Do outro lado, uma figura envolta em trajes táticos negros — sem máscara — revelava uma silhueta impressionante.— Olá — saudou Judy May, acenando. — Sou sua adversária.— Eu sei — respondeu ele. — Chu Zihang, Academia Kassel.— Ah, Judy May, Departamento de Música da Universidade de Tóquio, bolsista da prefeitura, formada há exatos dois anos. Às suas ordens. — Seus sobrancelhas cor de vinho arqueavam-se enquanto o vento revelava os olhos dourados de Chu Zihang por entre seus cabelos — pupilas que causavam arrepios.

http://portnovel.com/book/21/3348